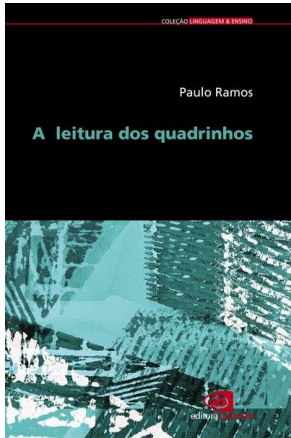


Entrevista Paulo Ramos

Por Fernando Passarelli

Lançado pela Editora Contexto, dentro de uma coleção sobre linguagem e ensino, “A Leitura dos Quadrinhos” é uma obra teórica voltada para quem deseja estudar os elementos da nona arte. O autor, Paulo Ramos, já tinha o mérito de manter um blog (sério) a respeito de HQs, o “Blog dos Quadrinhos”, e de divulgar, de uma só vez, no Dia do Quadrinho Nacional, mais de cem autores de tiras, charges, cartuns e histórias. Agora, transformou o conhecimento obtido em um doutorado na Universidade de São Paulo em um livro que fala das características de linguagem dessa forma de comunicação e dos seus gêneros. Quem nunca se aventurou por outra obra teórica pode começar por essa, que reúne conceitos existentes há anos. Vale a dica de leitura para professores, universitários e profissionais que atuam na área de educação. Confira uma entrevista com o Paulo:



DEUS NO GIBI – O livro “A Leitura dos Quadrinhos” foi uma proposta sua para a série da Editora Contexto ou um convite deles?

PAULO RAMOS – Foi um convite da coordenadora da coleção, Vanda Elias, professora da PUC de São Paulo. Ela pediu uma proposta e apresentei a ideia de uma obra que reavaliasse criticamente - e de uma forma didática - a linguagem dos quadrinhos. Demorei ao todo dois anos e meio para finalizar o conteúdo, embora em momentos diferentes. É que os primeiros esboços foram dados ainda quando redigia meu doutorado na Universidade de São Paulo. Após a conclusão da tese, levei mais um tempo de pesquisa e redação do livro.

DEUS NO GIBI – Acredito que um grande mérito do seu livro é reunir diversas visões dos elementos que compõem os quadrinhos, da estética à linguagem, da relação do leitor à transmissão da mensagem. Que qualidades você vê nessa forma de arte que não encontramos nas demais?

PAULO RAMOS – Os quadrinhos são uma linguagem autônoma, que encontrou recursos próprios para compor uma narrativa. Esse é, na minha visão, o ponto-chave. Assim como o cinema, a literatura, as artes plásticas, a dança e tantas outras formas de manifestação artística que possuem aspectos próprios, o mesmo raciocínio pode ser aplicado para os quadrinhos. Não se trata, portanto, de haver ou não qualidades, mas, sim, elementos distintos de composição narrativa.

DEUS NO GIBI – Na minha opinião, a melhor contribuição dos novos estudos das HQs veio de Scott McCloud, quando ele analisa o tempo que se sucede no intervalo de um quadrinho para outro. O que aquele vazio contém cabe apenas ao leitor preencher; automaticamente e à sua maneira. E na sua opinião, qual a contribuição mais recentes dos estudos de quadrinhos?

PAULO RAMOS – A obra de Scott McCloud é muito relevante para os estudos da linguagem dos quadrinhos e traz importantes contribuições. Mas a questão do “vazio” entre um quadrinho e outro - que chamamos teoricamente de “hiato” ou “sarjeta” - é anterior a ele. Estudiosos da década de 1970 já mencionavam o recurso. Dois brasileiros, inclusive: Antônio Luiz Cagnin e Moacyr Cime. Em termos recentes, talvez possam ser destacados os recursos tecnológicos usados nos quadrinhos - como a colorização feita por computador - e a busca incansável por inovações temáticas e nos recursos da linguagem.

DEUS NO GIBI – Como foi esse estudo que você fez da oralidade nos quadrinhos

PAULO RAMOS – Houve um estudo muito importante sobre o tema. Foi uma pesquisa desenvolvida por Clarice Eguti na Universidade de São Paulo. Os pontos iniciais da discussão da oralidade vêm do trabalho dela. A premissa é que os quadrinhos apresentam formas próprias de representação dos aspectos orais. Os balões adquirem contornos que se moldam às emoções ou à tonalidade da fala, a onomatopéias representam sons, o negrito ou a coloração de determinadas palavras enriquece a forma como seria dita pelos personagens. Há inúmeros outros aspectos da oralidade presentes. Basta saber olhar.

DEUS NO GIBI – Você teve uma iniciativa brilhante no “Blog dos Quadrinhos”: a Maratona do Dia do Quadrinho Nacional. São 100 indicações de sites de tiras, cartuns, charges, hq's e ilustrações. Como foi feita essa seleção?

PAULO RAMOS – Fiz a primeira maratona em 2008 e a repeti em 2009, uma vez mais no dia 30 de janeiro, Dia do Quadrinho Nacional. Foi uma modesta forma de marcar a data. O mecanismo de seleção se limitou a um convite público no blog dois dias antes. Quem entrasse em contato era automaticamente incluído na relação. Desta vez, tivemos 118 sites e blogs registrados. Fiquei 48 horas pondo o material no ar. Infelizmente, muitos trabalhos bons ficaram de fora. Adotei como critério só incluir as páginas virtuais dos autores que me enviassem e-mail solicitando a inclusão.

DEUS NO GIBI – Baseado nesse volume grande de autores que você divulgou, dá para ver que tem muita gente trabalhando na internet. E trabalhando bem, o que é ótimo.

PAULO RAMOS – Já estamos num ponto em que o volume da produção virtual de tiras cômicas supera - e de longe - a dos jornais. Algumas apresentam qualidade até superior. Isso é algo a ser observado com muita atenção. Por isso, por mais que os jornais atinjam outros públicos e acrescentem credibilidade à tira, vejo o caminho desse gênero nas páginas virtuais, e não mais nas impressas. Mas sou um otimista: fico sempre na torcida para que os nossos periódicos diários abram mais e mais espaço para as tiras e demais gêneros dos quadrinhos.

DEUS NO GIBI – Você tem conhecimento de quadrinhos cristãos publicados no Brasil?

PAULO RAMOS – De longa data temos adaptações da Bíblia ou de trechos dela. Eu, na infância, ganhei uma dessas obras de uma tia. Guardo a edição até hoje. Mas não li muitas outras adaptações para poder dar uma opinião mais precisa. É algo que merece ser estudado futuramente, sem sombra de dúvidas.

DEUS NO GIBI – Tenho a teoria de que, no passado, havia uma relação involuntária entre os quadrinhos e a religião cristã, por meio dos vitrais que decoravam as igrejas antigas. Muitos destes apresentavam toda a narrativa de fé, do nascimento à morte do Salvador. Cada vitral era um "quadro" e a narrativa surgia, sem palavras, na sucessão de fatos. Você concorda que podemos considerar isso uma forma antiga de manifestação quadrinhística?

PAULO RAMOS – Há autores que vêm na sequência da Via Sacra, reproduzida por meio de telas, um ensaio de história em quadrinhos. Faz sentido, sim. Houve diferentes outras experiências ao longo dos séculos até que a linguagem se consolidasse. Desde os desenhos dos homens das cavernas até os primeiros ensaios das ilustrações nos jornais.



Visite o “Blog dos Quadrinhos” no <http://blogdosquadrinhos.blog.uol.com.br/index.html>



www.deusnogibi.com.br